



Admonet in somnis et lurbida terret imago.

Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

LISBOA 17 DE JUNHO.

Não durará talvez muito a guerra em grande: as forças combinadas dos alliados podem como diz o *Times*, dispersar um grupo de populares, subjugar um commandante refractario, mas ficará subsistindo essa guerra latente, essa resistencia surda mais fatal aos governos do que a explosão que não é senão o effeito dos grandes males que affligem a sociedade; essa guerra donde surdem as revoluções e que não morre com ellas — guerra em fim que como Deucalião seméa pedras para criar homens, que marchando lança idéas atraz de si, e essas idéas transformaram-se em exercitos.

Não fica mal a uma nação ceder diante do numero. A França, em 1814 foi subjugada pelos alliados, que lhe impuzeram um rei. Os invasores hoje eram maiores em proporção. E' glorioso ceder assim. A vergonha fica para quem chamou os estrangeiros contra seus irmãos; a cobardia está do lado daquelles que foram invocar protecção estranha.

O partido popular é grande pelas armas, mas ainda é maior pela sua dedicação e intelligencia. As nossas armas podem ser vencidas, a nossa intelligencia, a nossa justiça, nunca. Quando estavamos para triunfar, as nossas armas soffreram um revez, mas no fundo desse revez a nossa causa alcançou um grande triumpho. A nossa força está provada pela concorrência de tres grandes nações para nos vencerem; a nossa justiça mostram-na esse ridiculo protocollo, em que se abate a realza e se põe fóra da lei o immoral partido dos Cabraes.

Fomos prisioneiros no campo pelos estranhos. Essa misera gente da governança quer alardear um triumpho. Depois que os inglezes, os hespanhoes e os francezes nos manietaram, apparecem alguns cobardes a apalparem-nos as moxillas e os bornaes. Já lançam o olho para o que é nosso, e preparam-se para regularem os nossos destinos. E' ridicula essa pretensão. Os generaes cabralistas nunca se chegaram aos populares senão para pedirem armisticio. Os desejos ostensivos dos alliados é que nmguem triunfe. Eis o que dizia sir Seymour ao visconde de Sá:

« Lisboa 27 de Maio de 1847. — Exm.º sr. —

Tive a honra de receber esta tarde a sua carta de 25 do corrente.

«Peço licença para assegurar a V. ex.ª que está em erro, suppondo que as forças de S. M. britannica seriam empregadas nesta ou em outra qualquer occasião, em sustentar a causa do despotismo.

«O governo de S. M. tem em vista um fim muito diverso tomando parte (como está para o fazer de combinação com Hespanha e França) nos negocios deste paiz.

«Elle deseja o restabelecimento e devida observancia pelo governo, das regras constitucionaes. Nada menos do que isto pôde satisfazer os desejos de V. ex.ª, e os seus desejos não vão além d'isto

«Mas, como um passo preliminar, o governo de S. M. deseja uma suspensão d'aquellas hostilidades que teem devastado o paiz, e para conseguir este objecto, como já tive a honra de comunicar a V. ex.ª elle passa a tomar medidas immediatas.

«Por tanto a paz virá primeiro, e será seguida, tão promptamente quanto seja possivel, pela marcha livre de instituições que mais convenientemente hão de receber os melhoramentos de que possam precisar das deliberações regulares de um parlamento constitucional, do que das resoluções abruptas de uma assembléa revolucionaria.

«Taes são as vistas do governo de S. M. o qual, com quanto tenha a maior vontade de ver a revolução terminar promptamente, não deseja com tudo o triumpho de nenhum dos partidos politicos, mas sim, sendo possivel, a reconciliação de todos.

«Aproveito esta occasião, sr. visconde, &c. (assignado) *G. H. Seymour*. — A S. ex.ª o visconde de Sá Bendeira.»

Ahi se vê que segundo os arbitros da nossa sorte, ninguem triunfou.

Esta politica é mesquinha, não tem comprehensão, mas o facto é que foi assás forte para impedir o triumpho da revolução, e para deixar organisadas as duas forças rivaes.

Com tudo se ninguem triunfou, alguém houve que ficou vencido. Esse alguém foi a corôa. A revolução era muito mais generosa para com ella do que a intervenção.

A corôa quiz derramar sangue nos patibules, e a interferencia obrigou-a a ser humana. Os decretos dos fuzilamentos foram mandados queimar — pela rainha não, mas pelos alliados.

A corôa quiz legislar, extinguir o jury, revogar leis populares para as substituir por leis tyrannicas; a interferencia obrigou a rainha a respeitar a carta, e a largar o poder absoluto. A corôa depois de exaustor os outros, viu-se forçada a reintegra-los, e exauthorar-se a si.

A corôa tinha proscripto as eleições, e abolido o systema representativo; a interferencia disse — *Mau grado teu has de ser constitucional.*

A corôa queria os Cabraes, a interferencia disse — *Essa facção será como Caim amaldiçoada para sempre. Rainha, não lhe pôdes conferir o poder.*

Eis-ahi quem ficou vencido, e não importa para o resultado saber quem foi que venceu a rainha. O povo sente que se foi ella quem dictou as medidas de sangue, foram outros que a obrigaram a ser humana.

Está ahi uma amnistia, que ninguém agradece, que todos reprovam. É porque? Porque esse acto não é della, foi-lhe imposto. Aonde está da parte da soberana a munificencia? Se a houvesse, seria em lord Palmerston.

Póde D. Maria assoalhar as roupas da realza, póde fazer o que quizer, que o povo ha de rir-se desse poder theatral. A base de todo o bom governo alienou-a. Se ama o seu povo demonstra-o pelos canhões estrangeiros que fez disparar contra nós. Se quer ser tyranna a nação insurge-se; se quer reinar é obrigada a enfeudar as prerogativas da coroa aos estrangeiros.

Assim temos uma realza pesada, cára, e sem vantagem nenhuma para o paiz. O protocolo pode-nos obrigar a soffrê-la, mas não nos póde forçar a ama-la. Os cabralistas hão de maldize-la (e já o fazem) porque assignou uma estipulação que os desbonra; os populares hão de odia-la porque chamou contra elles as forças dos alliados.

Eis-ahi, pois, quem ficou vencido. Não sabemos se a nação ficou sem fóros, o que sabemos é que ficou sem rei, e não lhe restam saudades delle.

E não nos accusem de rejeitarmos as propostas, que não foi assim. Queríamos garantias da sua boa execução, e queríamos além disso que não nos impuzessem quaesquer condições por mais justas e rasoaveis que fossem. O bem deixa de ser meritorio desde que não é livre, e os populares não nasceram para manequins.

A nossa recusa condicional salvava o throno. Pediamos garantias e se no-las dessem sem coacção o povo ficaria pensando que a rainha era sincera, e que preferia o lançar-se nos braços dos seus subditos a fazer derramar torrentes de sangue.

A Inglaterra quiz extinguir a guerra, e protrahiu-a. A sua politica foi brutal e desleal, e ou lord Palmerston cahiu no laço que lhe estendeu Luiz Philippe, ou os seus agentes não comprehenderam o pensamento do seu chefe.

A Inglaterra podia oppor-se á intervenção da Hespanha, aconselhar (aconselhar só) a rainha a que mudasse de politica, e obter da junta as melhores condições para o partido da corte, que na hora da angustia já por ahi andava a pedir misericordia. Não era necessario disparar um tiro, derramar uma só gota de sangue. Se a rainha resistisse, a derrota lhe abriria os olhos, e essa derrota nem peioraria a sua condição nem alteraria as disposições sempre generosas, sempre beneficas da junta. Todas as fracções bemdiriam o gabinete britannico, que não teria commettido um attentado contra a nossa independencia, e attrahiria a si as sympathias de todos os portuguezes.

A Inglaterra podia ser leal, e não o foi. Quando se dispõe de uma força tão superior póde-se ser arrogante sem perigo. Sir Seymour e W. Parker recorreram á força e á traição quando podiam vencer só pela força. Nas agoas do Porto occultaram até o dia 31 á tarde os officios datados do dia 20, e depois fizeram como o lobo da fábula fez ao cordeiro — castigaram-nos por um crime (se crime fosse) que nós não podiamos ter commettido porque não nos haviam dado conhecimento da ordem que declarava tal a acção que haviamos praticado. Em Setubal chamaram a bordo á falsa fé os populares, que se quizeram confiar nelles, promettendo-lhes protecção á sombra da bandeira ingleza, e quando os apanharam no laço, declararam-nos prisioneiros de guerra!

Se é politica generosa e fina o descontentar todo um povo, sir Seymour e W. Parker cobriram-se de gloria. Mas por esse modo os inglezes podem conseguir tudo menos a pacificação do paiz, e querendo firmar o throno da rainha cavaram a sua sepultura, porque lhe alienaram a confiança da nação na qual só podia repousar.

E este escandalo é tanto maior quando o parlamento britannico se pronuncia a nosso favor. Sir Seymour e W. Parker querem precipitar os acontecimentos porque folgam de ter morto o doente quando lhe chegar o remedio, querem ter firmado o despotismo quando chegar a esperança da liberdade.

Podem pois aprisionar todos os nossos exercitos, mas lembrem-se que não melhoram a causa da familia Gotta por quem combatem. Esse paiz todo reage contra os invasores e seus cumplices. Não precisamos de chefes para vencer, basta que digamos todos — *Não queremos!* A Maria da Fonte triunfou sem exercitos regulares, e os alliados não hão de matar tudo. As revoluções não se matam, porque o povo ha se

de insurgir sempre que tiver proveito em o fazer.

Arde em nós o desejo da independencia. Desejamos ser livres; mas os acontecimentos hão de verificar-se independente da nossa vontade. Cousas ha que se podem provêr, e esta é a consequencia forçada do que estamos vendo e presenciando. Oxalá que reconquistassemos a nossa liberdade e independencia sem maiores sacrificios, e que podessemos ainda ser nação.

No dia 14 o vice-almirante Parker sahio o Tejo com quatro vapôres e uma corveta ingleza, dois vapôres hespanhoes e um francez, dirigindo-se para Setubal. Não sabemos o que alli se passou. Ouvimos dizer que o vice-almirante recorrêra ao systema de deslealdade que sempre tem empregado. O caso é que alli se espalhou que a junta do Porto tinha deposto as armas quando ella se prepara para resistir.

O resultado deste systema foi que uns 390 homens se acolheram ao pavilhão britannico, aonde foram declarados prisioneiros, outros foram presos pela policia quando vinham para suas casas; mais de 4.000 homens seguiram o Galambá, que parece marchára para Evora, preferindo morrer na sua terra, e vendendo cara a vida, a soffrer a insolencia dos alliados.

Segundo o boletim cabralista de Coimbra o Lapa vem fugindo da Beira para se reunir ao Saldanha.

A *Revelação* diz que a junta do Porto não só não accitára a ignominiosa amnistia, mas que cortára todas as communicações com os alliados, declarando que se defenderia até á ultima. A mesma folha diz que esta resolução é de verdadeiros portuguezes.

Os gallegos andam assolando a provincia do Minho, e segundo informações que de lá temos, tem roubado tudo. Os cabralistas não se sustentam nas terras senão rodeados de muita força.

Chegou ali ha muitos dias o marquez de Loulé para conferenciar com os representantes das potencias alliadas, e traz plenos poderes da junta da Porto.

O nobre marquez tem estado em carcere privado. Não o tem deixado fallar com ninguem para não poder ser sciente do estado dos negocios. O vice-almirante Parker tem sido mais um carcereiro do que outra cousa. Não ha de ser por este systema de deslealdade e perfidia que a paz se ha de estabelecer entre nós.

Por um navio entrado neste porto no dia 13 deste mez, procedente de Angola se receberam noticias até 27 de Março ultimo, sabendo-se pelas mesmas que dous dias antes (25) alli chegára com 50 dias de viagem o brigue de guerra *Audax* conduzindo os infelizes prisioneiros de Torres Vedras, mandados pelo inhumano governo de Lisboa para a Costa d'Africa. Todos

chegaram com vida ao seu destino. O governo de Lisboa continuando no seu systema de barbara perseguição ordenou que os prisioneiros continuassem em Angola como prezos, e em virtude de taes ordens todos aquelles infelizes hiam ser encarcerados no castello de S. Philippe. Que dirão agora os ministros inglezes que em ambas as camaras do parlamento asseveraram, respondendo a diferentes interpelações que os prisioneiros de Torres Vedras não seriam mandados para Angola? Confessarão, como disse um membro da camara dos communs, que a rainha de Portugal é a representante do despotismo europeu.

Documentos a que se refere o manifesto publicado no numero antecedente.

N.º 1.

Legação britannica em Lisboa. — Lisboa 20 de Maio de 1847. — Sr. conde. — Outra vez me cumpre dirigir-mé a vós, animado das mesmas intenções que dictaram a minha primeira carta.

Nella vos disse e á junta do Porto, que no caso de vós não annuides a uma suspensão de hostilidades por mar e por terra, até a resolução dos governos alliados, seriam empregados outros meios, que se julgassem necessarios, para pôr termo a uma inutil effusão de sangue em Portugal.

A esquadra de S. M. tinha recebido ordem para bloquear a barra do Porto, e impedir a entrada e sahida de embarcações de guerra, ou quaesquer outras empregadas no serviço da junta para fim hostile. E quando isto fosse levado a effeito nos outros portos que reconhecem a junta, seriam tomadas outras precauções que a prudencia dictasse, a fim de eviñar um conflicto inútil!

Cumpre-me mais dizer-vos — ainda que julgo isto desnecessario — que o governo de S. M. considerará a junta, tanto collectiva como individualmente, e bem assim todos os officiaes militares e civis ás ordens da mesma, responsaveis, por qualquer acto de violencia para com as pessoas e bens dos subditos de sua magestade.

Finalmente declaro-vos que á cessação de hostilidades por parte das forças da junta corresponderá igual cessação de hostilidades por parte das forças de sua magestade fidelissima, assim por mar como por terra.

Aproveito esta occasião para protestar-vos a minha mais alta consideração para com vosco. — *G. H. Seymour*, ministro de sua magestade britannica.

N.º 2.

Nota do embaixador hespanhol, entregue á junta á uma hora da tarde do dia 31 de Maio de 1847.

Legação de Hespanha em Lisboa. — Sr. con-

4
de. — Consequente com as vistas e sentimentos que tive a honra de manifestar a V. ex.^a na minha primeira carta, é para mim um dever fazer presente á junta estabelecida nessa cidade, que o desatender a exhortação que lhe foi dirigida para suspender todas as operações de guerra por mar e terra em quanto tomavam conhecimento do actual estado dos negocios os governos alliados dará logar a algumas medidas precursoras de outras que podera ser necessario empregar com o fim de pôr termo á guerra civil, que tantos males está causando a este reino.

Alguns dos navios da armada de sua magestade catholica receberam ordem para impedirem que entrem esaíam pela barra do Porto os navios de guerra da junta, e quaesquer outros que se achem empenhados na causa da mesma; fazendo extensiva esta medida aos demais pontos da costa que igualmente lhe prestem obediencia, e adoptando outras precauções que a prudencia aconselha para prevenir encontros e combates que não podem dar mais resultado que o d'uma esteril e deploravel effusão de sangue.

Devo tambem cumprir o dever, para mim ainda mais grave todavia, de declarar a V. ex.^a da maneira mais formal, que o governo de S. M. a rainha de Hespanha faz a junta do Porto responsavel, collectiva e individualmente, como tambem os empregados militares e civis dependentes da mesma, de qualquer damno ou violencia que possa causar-se ás pessoas e propriedades de seus subditos.

Declaro a V. ex.^a por ultimo, que á suspensão dos movimentos militares da junta corresponderão com igual conducta as tropas do governo de S. M. F. Recordo a V. ex.^a o testemunho da minha mais alta consideração. — Lisboa 20 de Maio de 1847. — Exm.^o sr. B. L. M. — De V. exc.^o seu attento e seguro servidor. — *Luiz Lopes de la Torre Ayllon.*

N.^o 3.

Legação ingleza em Lisboa, 28 de Maio de 1847. — Illm.^o e exm.^o sr. — Tive a honra de receber a carta que V. exc.^o fez a mercè de enviar-me a 26 do corrente.

Vejo com pesar quão difficil meserá concordar eu com a opinião que V. exc.^o manifesta relativamente ao modo porque a junta recebeu a offerta, de que foi portador o coronel Wilde. Quando se fazem propostas a um partido, importa pouco quanto ao resultado, que ellas encontrem uma regeição positiva, ou que sejam substituidas por contra-propostas de natureza evidentemente inadmissivel.

Já anteriormente tive a honra de expôr a V. ex.^a que as concessões offercidas aos subditos da rainha de Portugal, que se acham armados

contra a auctoridade de sua magestade, eram, no entender do governo de sua magestade, acceitaveis e benignas; e hoje existe registro authenticico de que as cortes alliadas, principalmente interessadas n'esta transacção, eram do mesmo sentir.

O conhecimento, pois, que tenho alcançado dos sentimentos e disposições tanto do governo portuguez como daquelles governos, cuja alliança com Portugal é mais estreita, de certo não dá logar a esperar, que da parte delles tenha havido nenhum intento de entabolar uma negociação entre S. M. F. e a junta.

S. M. contrahihi certos compromettimentos com o governo de S. M. B., e fez patente certas intenções para com os seus subditos, tanto estas como as outras repousaram na mesma base segura—a inquisitionavel boa fé da vossa benigna soberana.

Consequentemente não cabe nas minhas faculdades tomar parte n'um designio, cujo objecto seria nomear a junta commissarios, incumbidos de tratar e negociar com o governo S. M. F. para que as concessões feitas pela corôa fossem mais amplas.

Ao mesmo tempo peço licença a V. ex.^a para certificar-lhe—e espero que será desnecessario faze-lo—que ninguem sentiria maior regosijo do que eu, se visse que uma porção dos subditos de S. M. F., ao presente alienados—quero crêr que por mal fundadas apprehensões—da sua benigna soberana, vinham de novo apresentar-se respeitosos ante o seu throno.

Tenho plena confiança que um passo tal conduziria aos melhores resultados, e consideraria eu não só dever, mas fortuna minha o promover-lo, se fosse possivel.

Aproveito, sr. conde, esta occasião para renovar a V. ex.^a os protestos da minha mais alta consideração.—Assignado—*G. H. Seymour.* — Illm.^o e exm.^o sr. conde das Antas.



À ÚLTIMA HORA.

O visconde de Sá, marquez de Mello, e conde da Taipa foram insinuados pelos inglezes para sahirem de Portugal. A lealdade britannica soffre cada dia mais. Sir Seymour e o vice-almirante Parker estão-se cubrindo de infamia. Attrahiram aquelles cavalleiros por uma traição e perfidia, e castigam depois o confiarem-se elles nas suas promessas.

Sirva este exemplo de lição aos populares. Nem um só largue as armas. Corramos todos á guerra santa—prometteram tudo para desarmar o povo, e depois fazem-lhe assim. Abençoados sejam os que não se fiaram nelles! Deos os ajude!